

Coleção: Artistas Portugueses do Século XX

Alberto Carneiro sente as árvores de uma forma especial e, por isso, procura insistentemente a essência de cada uma. Como as pessoas, as árvores nunca se revelam completamente, mas o escultor continua a procurar, porque sabe que aquilo que é fundamental é invisível aos olhos.

Alberto Carneiro sente as árvores de uma forma especial e, por isso, procura insistentemente a essência de cada uma. Como as pessoas, as árvores nunca se revelam completamente, mas o escultor continua a procurar, porque sabe que aquilo que é fundamental é invisível aos olhos.

O encontro com uma obra de arte é uma experiência especial. Pequenas pistas e muita curiosidade podem ajudar-nos a desvendar os seus segredos. Os artistas veem o mundo de outra forma e mostram-nos coisas novas e surpreendentes!

“Não esperes, porém, que os quadros venham ter contigo, não! Eles têm um prego atrás a prendê-los. Tu é que vais ter com eles. Isto leva 30 dias, 2 meses, 1 ano mas, se tem prazo, vale a pena seres persistente porque depois saberás também onde está a Felicidade”.

Almada Negreiros

An encounter with a work of art is a special experience. Subtle clues and great curiosity aid us in unveiling its secrets. Artists see the world in a different light and show us new and surprising things!

“Don't stand and wait, however, for the paintings to come to you, no! They have a nail behind holding them back. You must go to them. This takes 30 days, 2 months, 1 year, but if there is a limit, it's worth being persistent because afterwards you'll know where Happiness is to be found.”

Almada Negreiros

Já publicados:

Amadeo de Souza-Cardoso  
Helena Almeida  
Ângelo de Sousa

Apoio:



Mafalda Brito • Rui Pedro Lourenço

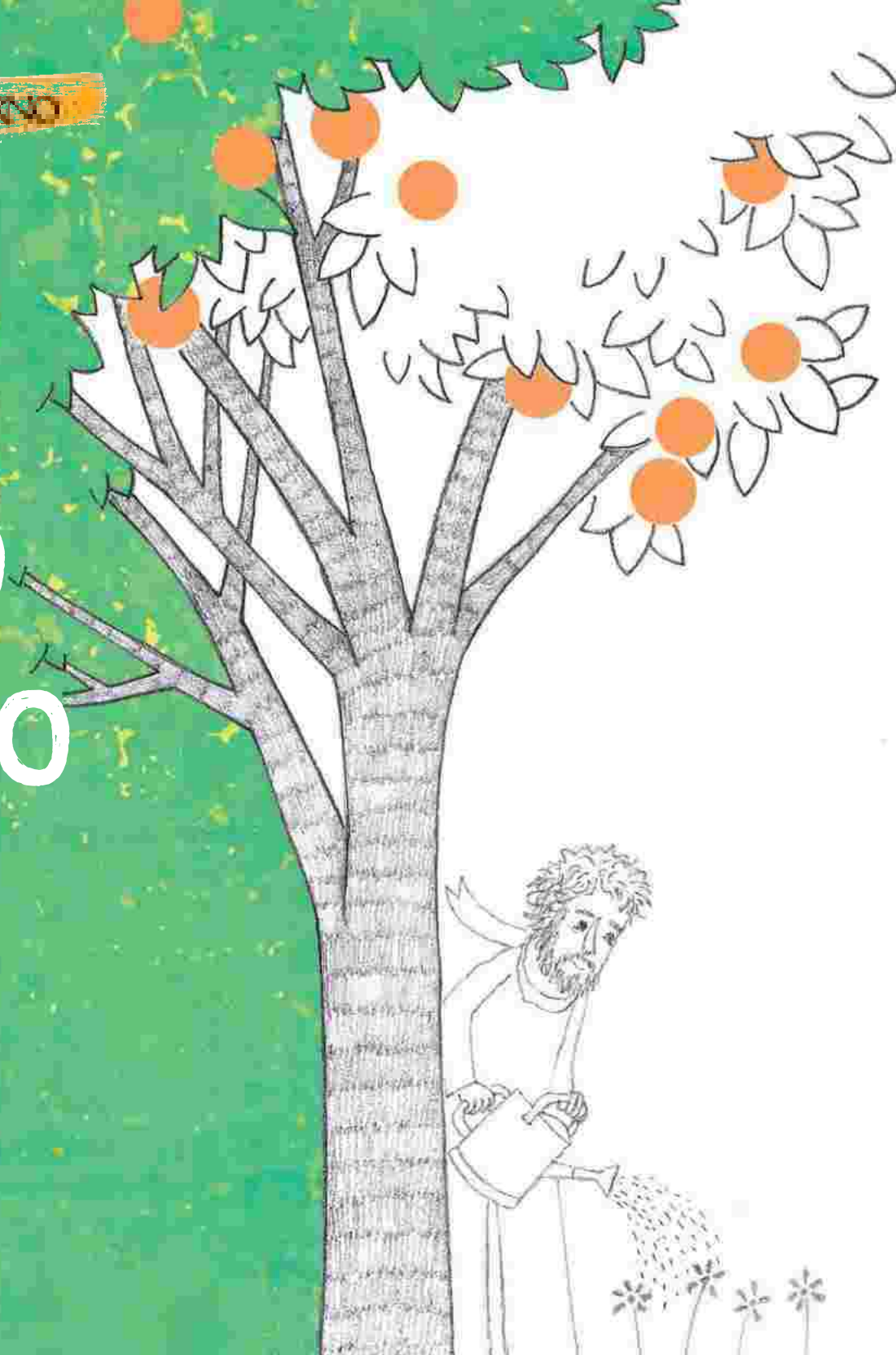
Alberto Carneiro

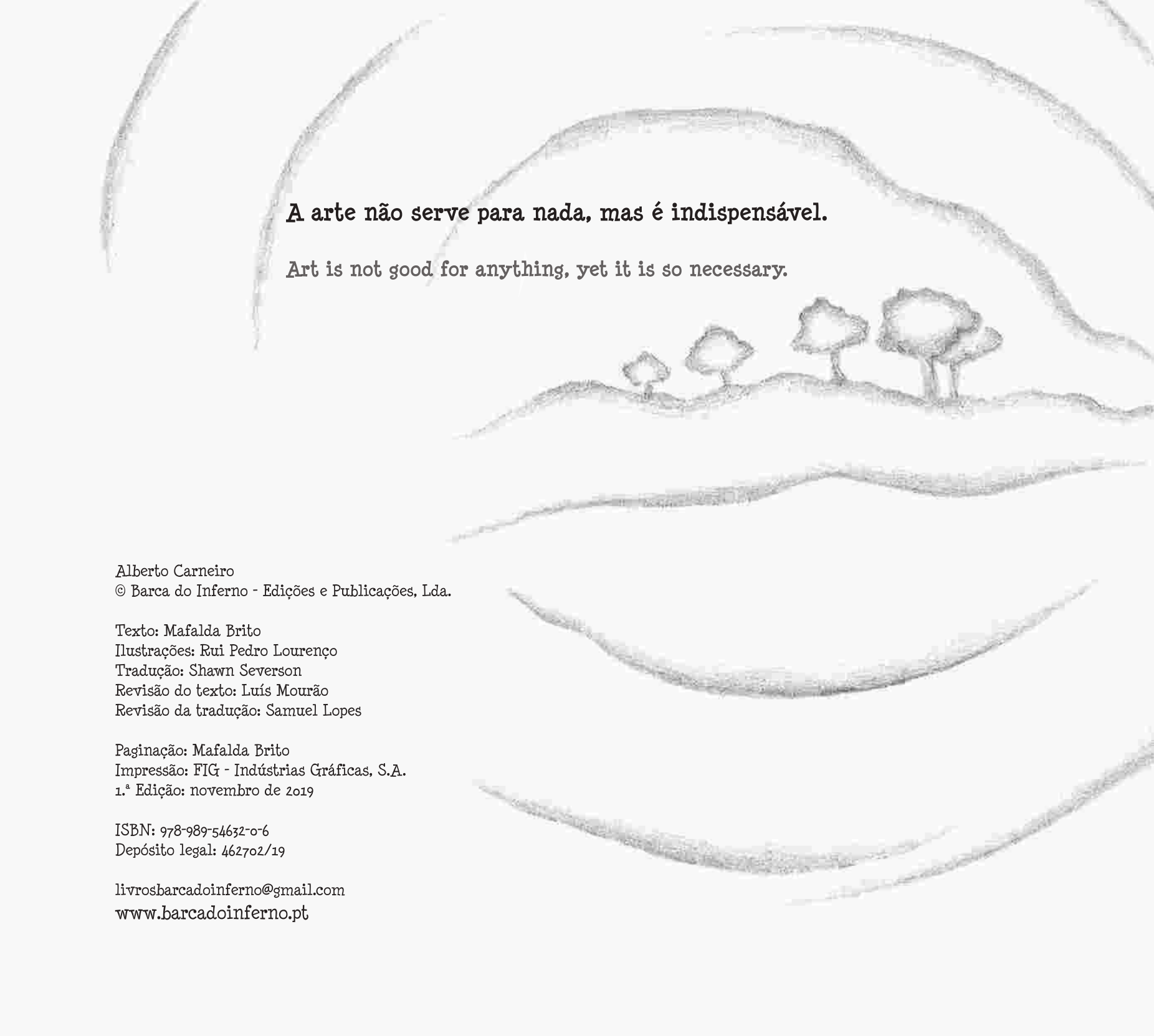
BARCAdoINFERNO

# Alberto Carneiro

BARCAdoINFERNO

Mafalda Brito  
Rui Pedro Lourenço





**A arte não serve para nada, mas é indispensável.**

**Art is not good for anything, yet it is so necessary.**

Alberto Carneiro

© Barca do Inferno - Edições e Publicações, Lda.

Texto: Mafalda Brito

Ilustrações: Rui Pedro Lourenço

Tradução: Shawn Severson

Revisão do texto: Luís Mourão

Revisão da tradução: Samuel Lopes

Paginação: Mafalda Brito

Impressão: FIG - Indústrias Gráficas, S.A.

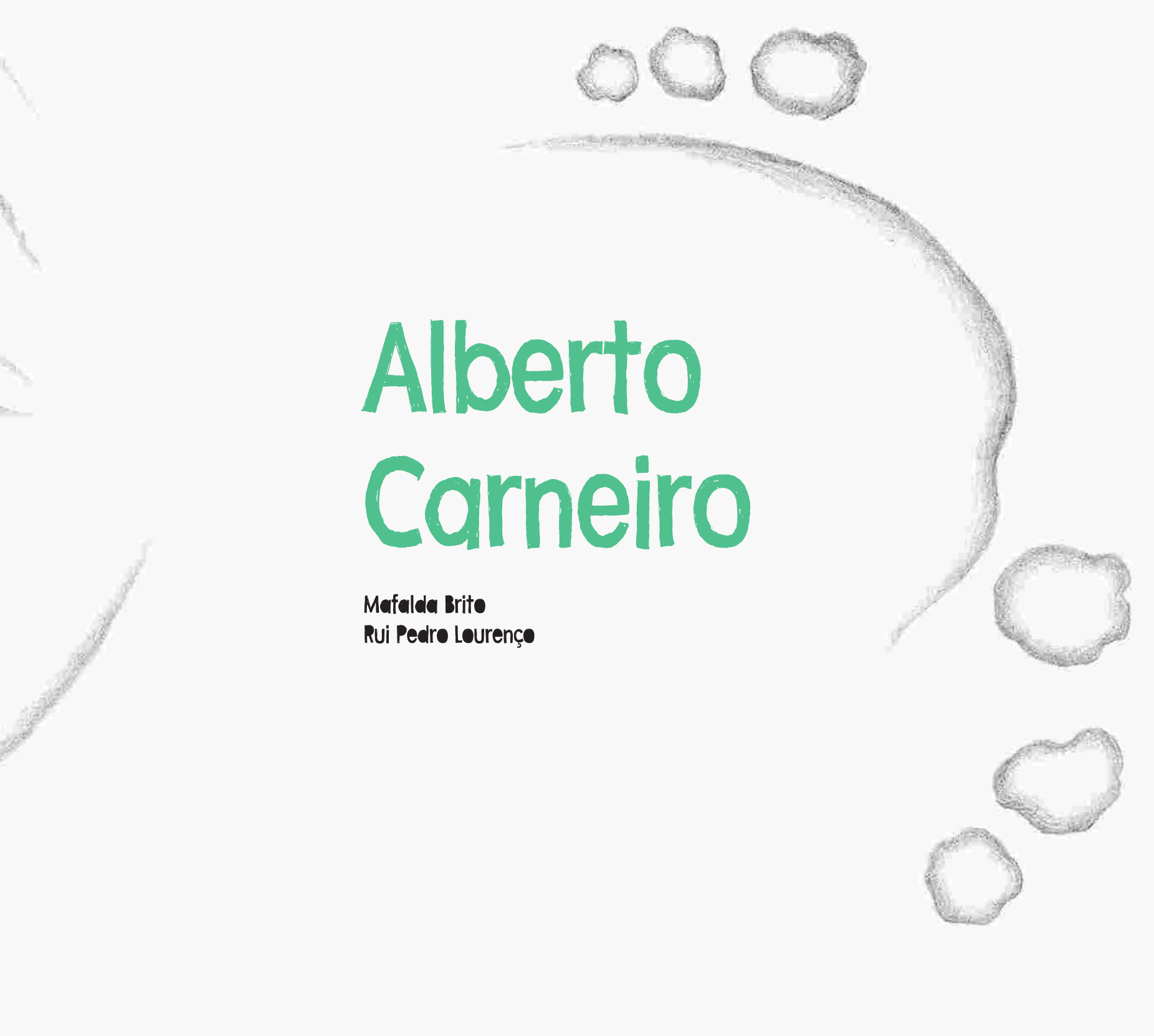
1.ª Edição: novembro de 2019

ISBN: 978-989-54632-0-6

Depósito legal: 462702/19

livrosbarcadoinferno@gmail.com

www.barcadoinferno.pt



# Alberto Carneiro

Mafalda Brito  
Rui Pedro Lourenço

Um **quadrado preto** pode ser uma obra de arte?

E uma **roda de bicicleta**?

Uma **aranha** pode ser uma obra de arte, mas nem todas as aranhas são obras de arte.

Uma **porta aberta** pode ser uma obra de arte, mas nem todas as portas estão abertas.

A **black square**, can it be a work of art?

How about a **bicycle wheel**?

A **spider** may be a work of art, but not all spiders are works of art.

An **open door** may be a work of art, but not all doors are open.



## Mas, afinal, o que é uma OBRA de ARTE?

So then, what is a WORK of ART?

É um **objeto** criado por um artista. E uma **ideia**, pode ser uma obra de arte?

É um objeto que está num **museu** ou numa galeria. E um extintor, é uma obra de arte?

É um objeto belo. E se for feio? O que é a **beleza**?

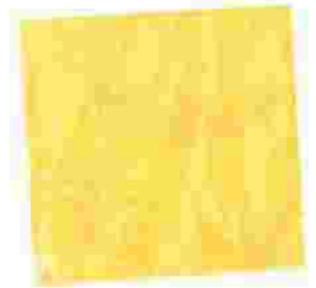
É aquilo que nos causa alguma **emoção**. E se não nos emocionar?

It is an **object** created by an artist. And an **idea**, can it be a work of art?

It is an object that is on display in a **museum** or gallery. And a fire extinguisher, is it a work of art?

It is a beautiful object. What if it's ugly? What exactly is **beauty**?

It is what makes us feel some sort of **emotion**. What if it doesn't move us?



**A coluna infinita de Brancusi não parava de crescer.**

Ficou tão alta como cinco girafas umas por cima das outras. As mãos de **Giacometti** procuravam as formas do gato do irmão. Fez um gato de bronze tão magrinho que parece ter apenas pele e osso.

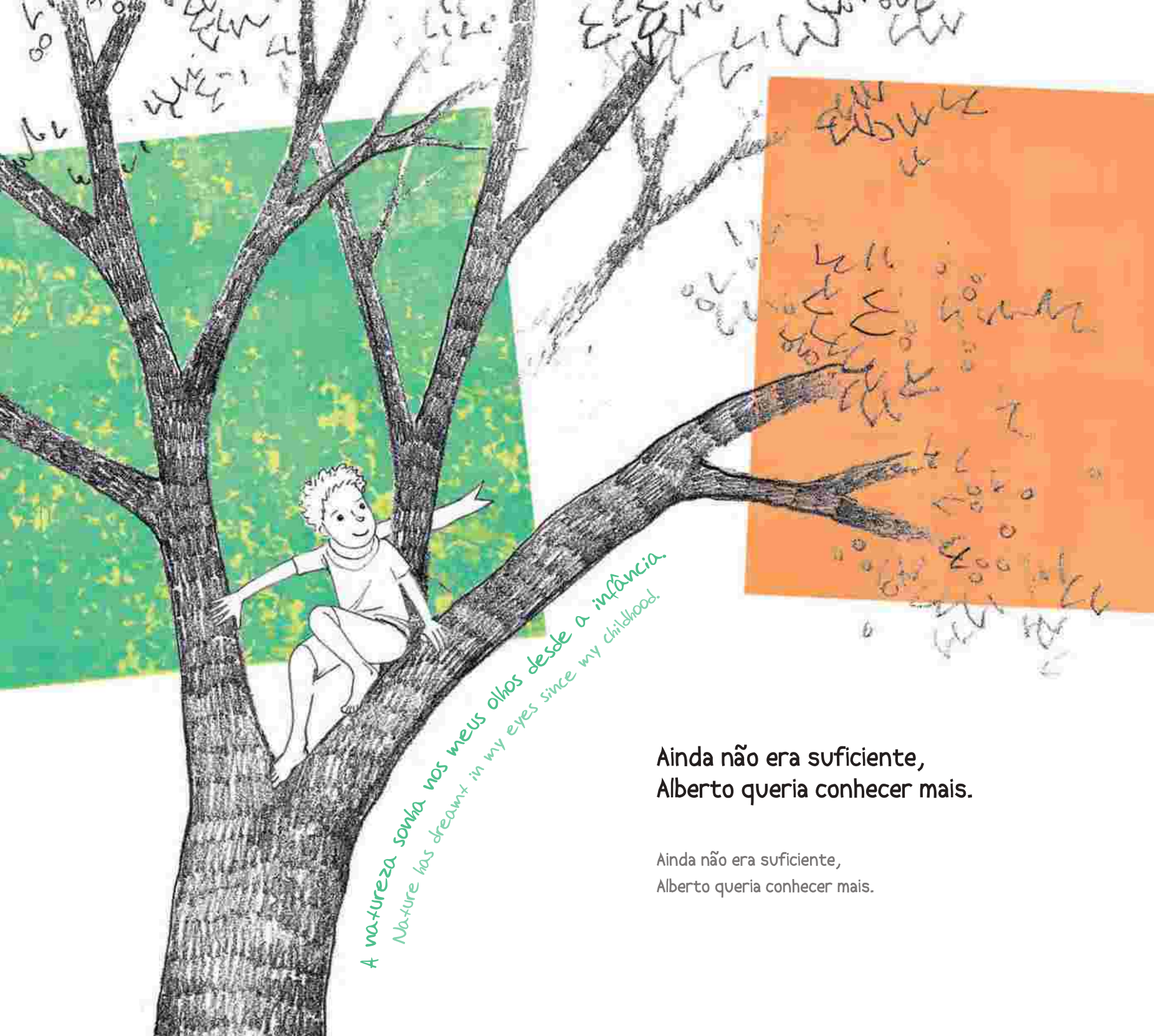
Por esta altura, o pequeno Alberto não conhecia o nome destes dois escultores. Em **São Mamede do Coronado**, inventava as brincadeiras com o que tinha à mão, a natureza.

Com terra, paus e folhas nasciam os melhores brinquedos, os da imaginação. **A natureza e o seu corpo ligaram-se**, para sempre! Com apenas dez anos já era aprendiz de **santeiro**. Mas os **livros** ensinavam-lhe que havia um mundo inteiro por descobrir e, por isso, decidiu regressar à escola. Depois de oito horas a desbastar os santos, pedalava vinte quilómetros de bicicleta para lá chegar.

A coluna infinita de **Brancusi** não parava de crescer. Ficou tão alta como cinco girafas umas por cima das outras. As mãos de **Giacometti** procuravam as formas do gato do irmão. Fez um gato de bronze tão magrinho que parece ter apenas pele e osso.

Por esta altura, o pequeno Alberto não conhecia o nome destes dois escultores. Em **São Mamede do Coronado**, inventava as brincadeiras com o que tinha à mão, a natureza. Com terra, paus e folhas nasciam os melhores brinquedos, os da imaginação. **A natureza e o seu corpo ligaram-se**, para sempre! Com apenas dez anos já era aprendiz de **santeiro**. Mas os **livros** ensinavam-lhe que havia um mundo inteiro por descobrir e, por isso, decidiu regressar à escola.





*A natureza sonha nos meus olhos desde a infância.*  
*Nature has dreamt in my eyes since my childhood.*

Ainda não era suficiente,  
Alberto queria conhecer mais.

Ainda não era suficiente,  
Alberto queria conhecer mais.

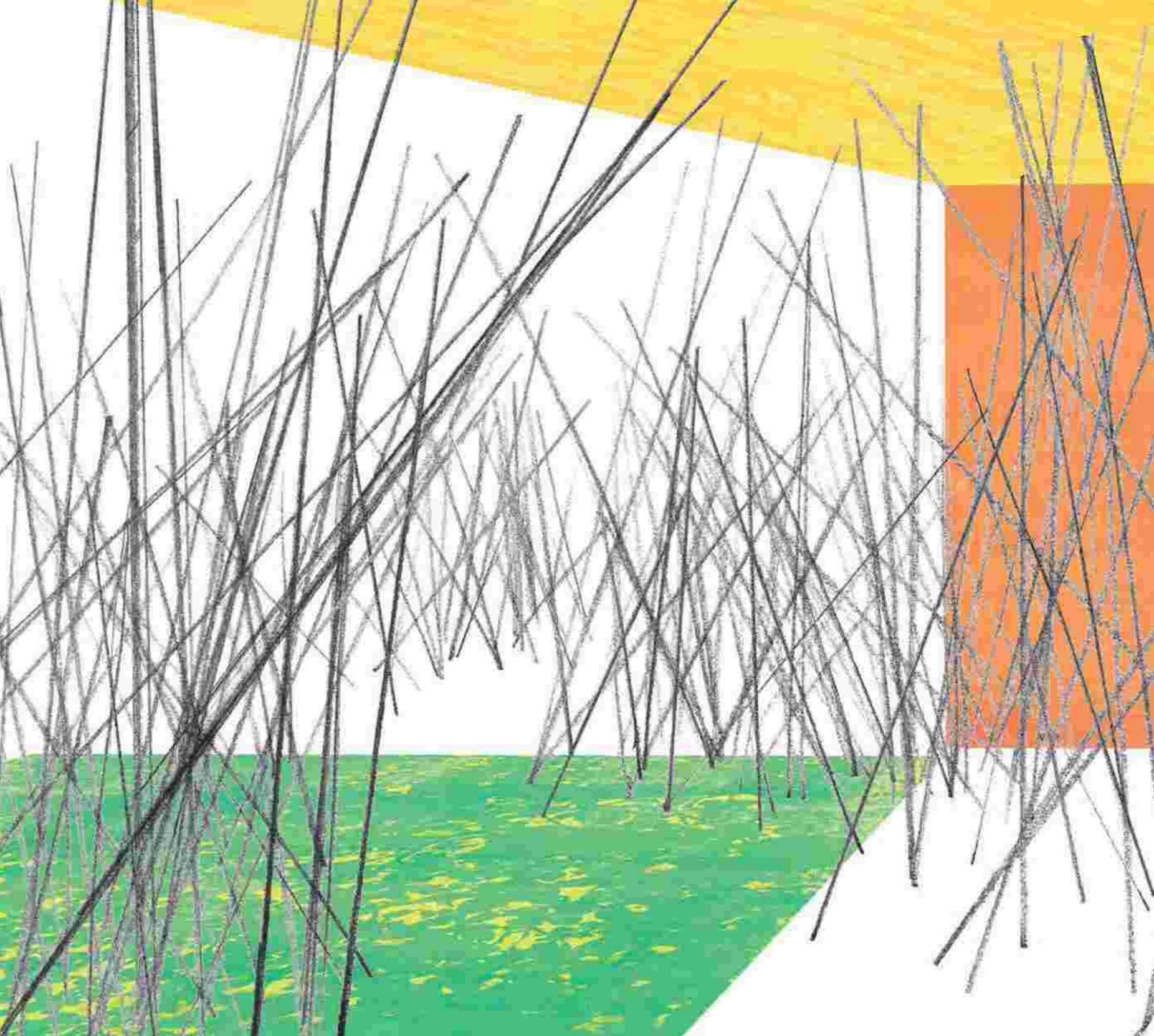
Decide estudar **escultura**. Nas aulas de modelo vivo, é ainda o santeiro Alberto que insiste em fazer os pés e as mãos da modelo iguais aos da *Nossa Senhora*. Mas, nas primeiras esculturas, é o escultor Alberto que regressa à natureza. As suas **mãos inteligentes**, de horas e horas de trabalho, vão talhando a madeira, como em *Raiz, caule, folhas, flores e frutos*. É uma **árvore mulher** abraçada sobre si mesma, recolhida, como uma **lagarta no casulo**. Lá dentro, guarda a energia que a transformará noutra coisa, como a **borboleta que levanta voo**. Esta escultura não pisa o mesmo chão do que nós, uma base de granito eleva-a do solo, como se nos dissesse que é muito especial.

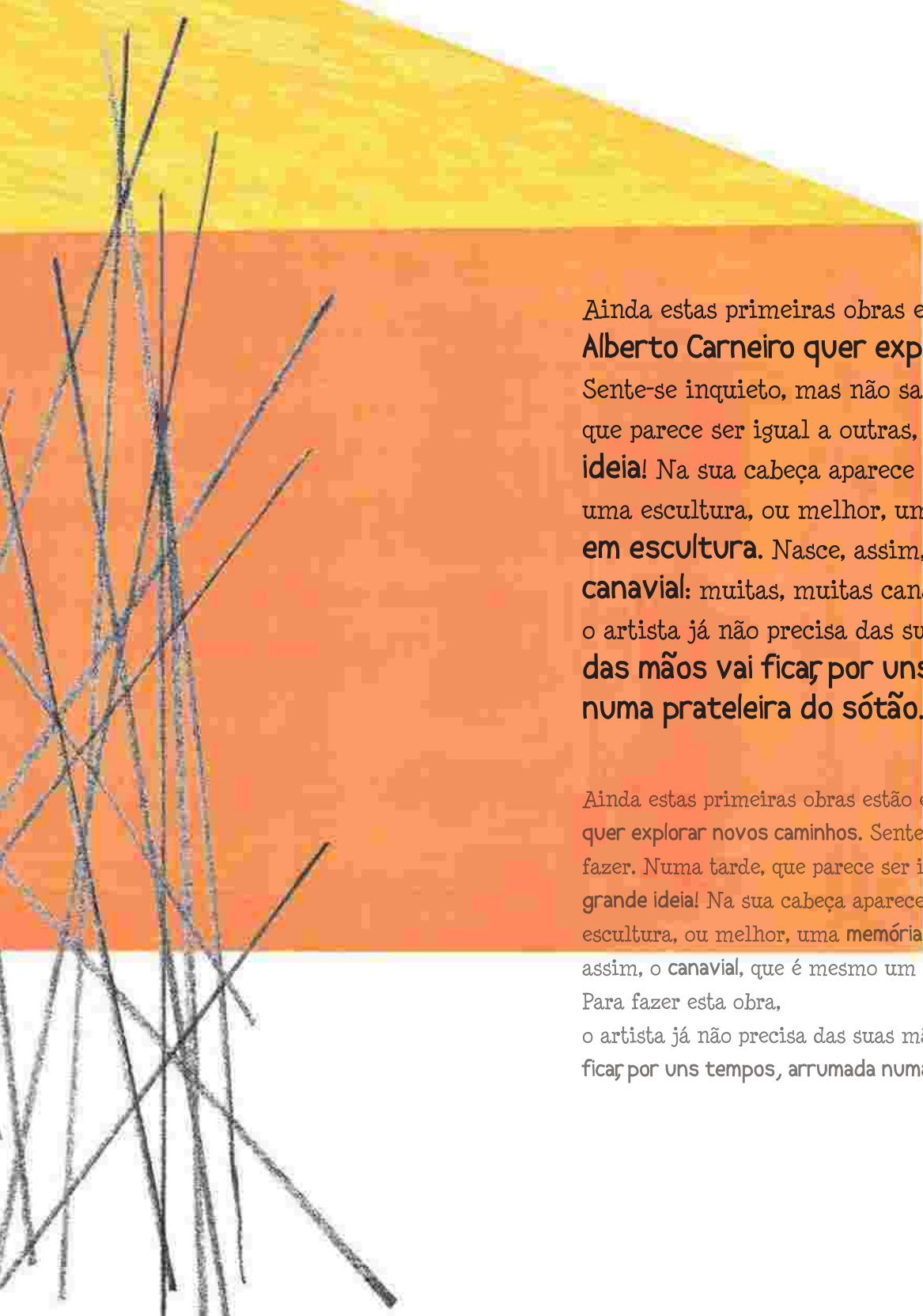
Decide estudar **escultura**. Nas aulas de modelo vivo, é ainda o santeiro Alberto que insiste em fazer os pés e as mãos da modelo iguais aos da *Nossa Senhora*. Mas, nas primeiras esculturas, é o escultor Alberto que regressa à natureza. As suas **mãos inteligentes**, de horas e horas de trabalho, vão talhando a madeira, como em *Raiz, caule, folhas, flores e frutos*. É uma **árvore mulher** abraçada sobre si mesma, recolhida, como uma **lagarta no casulo**. Lá dentro, guarda a energia que a transformará noutra coisa, como a **borboleta que levanta voo**. Esta escultura não pisa o mesmo chão do que nós, uma base de granito eleva-a do solo, como se nos dissesse que é muito especial.





...and ...  
has





Ainda estas primeiras obras estão em exposição e já **Alberto Carneiro quer explorar novos caminhos.** Sente-se inquieto, mas não sabe o que fazer. Numa tarde, que parece ser igual a outras, Alberto tem uma **grande ideia!** Na sua cabeça aparece uma memória de infância e uma escultura, ou melhor, uma **memória transformada em escultura.** Nasce, assim, o *canavial*, que é mesmo um **canavial:** muitas, muitas canas. Para fazer esta obra, o artista já não precisa das suas mãos, aliás, a **habilidade das mãos vai ficar por uns tempos, arrumada numa prateleira do sótão.**

Ainda estas primeiras obras estão em exposição e já Alberto Carneiro quer explorar novos caminhos. Sente-se inquieto, mas não sabe o que fazer. Numa tarde, que parece ser igual a outras, Alberto tem uma **grande ideia!** Na sua cabeça aparece uma memória de infância e uma escultura, ou melhor, uma **memória transformada em escultura.** Nasce, assim, o *canavial*, que é mesmo um canavial: muitas, muitas canas. Para fazer esta obra, o artista já não precisa das suas mãos, aliás, a **habilidade das mãos vai ficar por uns tempos, arrumada numa prateleira do sótão.**

Todas estas canas, atadas com ráfia, formam pequenos esconderijos ou abrigos. Alguém andou por ali, porque deixou pequenas faixas coloridas e letras. Mas estamos apenas nós. Nós no canavial e o canavial em nós. **Nós dentro da escultura e a escultura dentro de nós.** O artista traz para dentro da galeria o que antes estava fora. Foi necessário aprender muito, estudar muito, para, finalmente, ser **livre**. Apanhar boleia de uma borboleta e viajar para a natureza da sua **infância**.

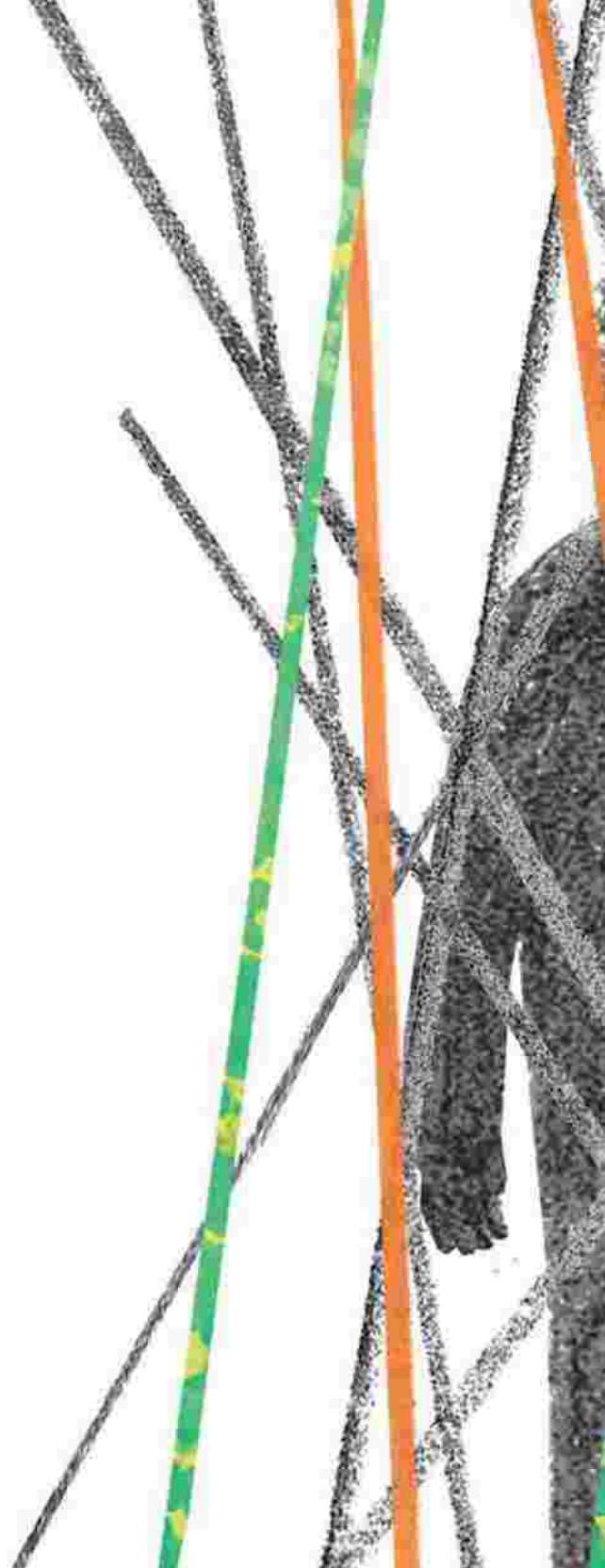
**Alberto traz a vida para a arte e a arte para a vida.**

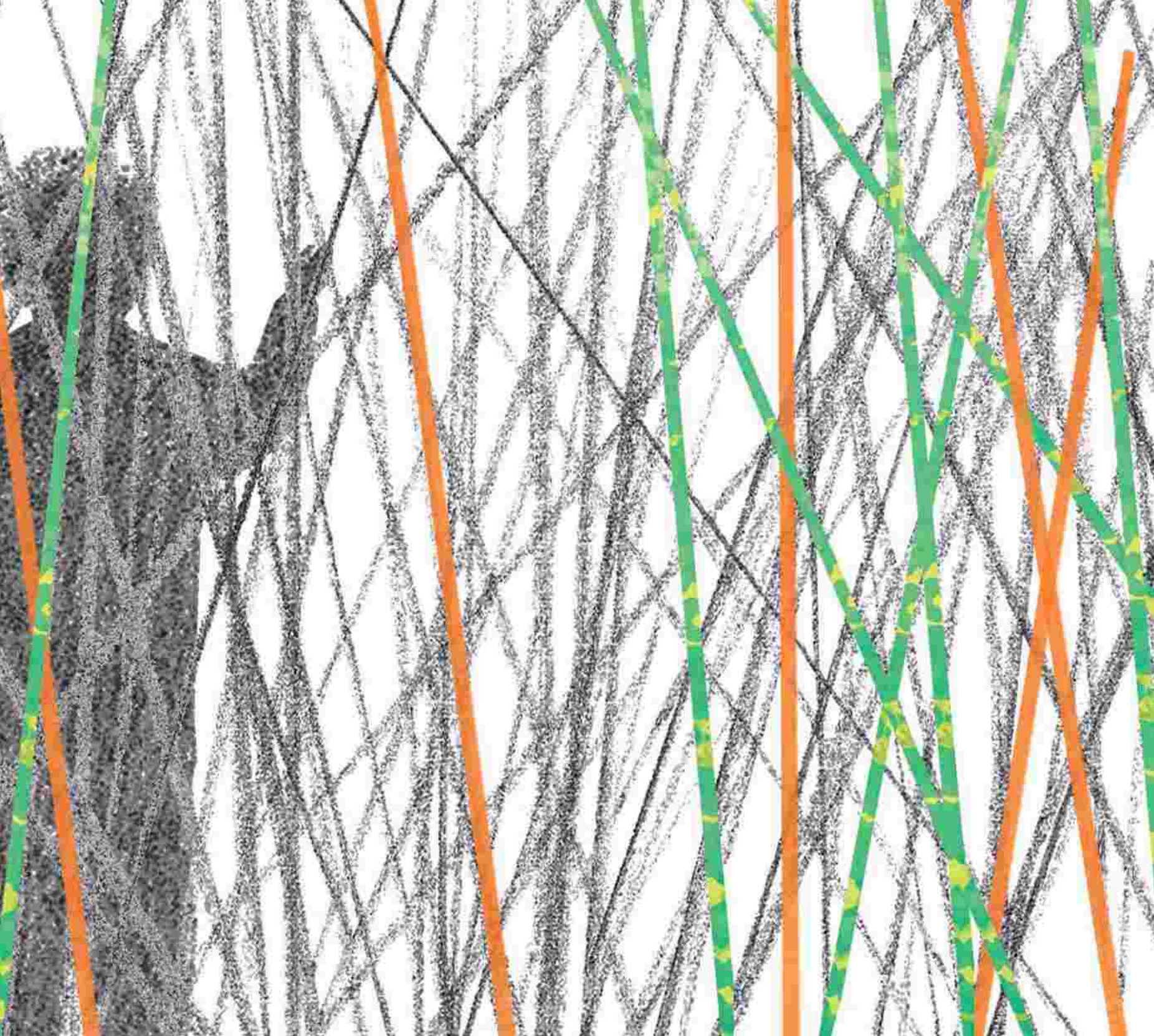
Todas estas canas, atadas com ráfia, formam pequenos esconderijos ou abrigos. Alguém andou por ali, porque deixou pequenas faixas coloridas e letras. Mas estamos apenas nós. Nós no canavial e o canavial em nós. **Nós dentro da escultura e a escultura dentro de nós.** O artista traz para dentro da galeria o que antes estava fora. Foi necessário aprender muito, estudar muito, para, finalmente, ser **livre**. Apanhar boleia de uma borboleta e viajar para a natureza da sua **infância**.

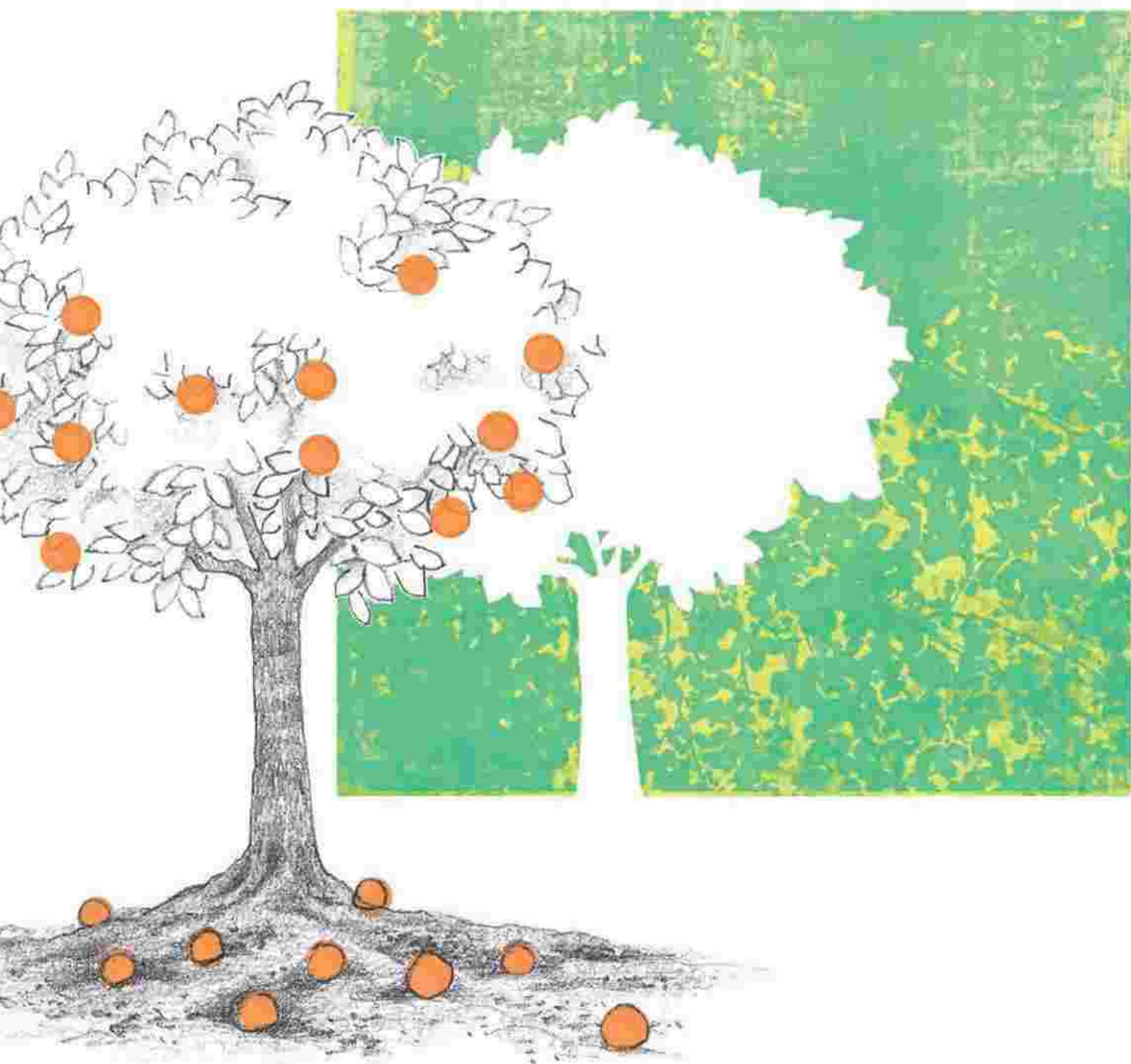
**Alberto traz a vida para a arte e a arte para a vida.**

*O fundamental, todos sabem, é a diferença,  
não é a semelhança.*

*The essential thing, as everyone knows, is  
difference, not similarity.*







As suas esculturas são para sentir com todo o corpo, os olhos só alcançam uma pequena parte. É assim no canavial, mas mais ainda no *laranjal*: um retângulo de terra, mesmo terra, onde cresce uma laranjeira, mesmo laranjeira, e as laranjas maduras caídas no chão. Numa chapa de alumínio a mesma árvore foi desenhada, enquanto noutra está apenas o seu recorte. **É a laranjeira e as suas imagens.** Ao centro, a **voz da terra** conta-nos a sua vida com a laranjeira nas quatro estações do ano.

Sentimos o **cheiro da terra**, escutamos a sua voz e saboreamos uma doce e sumarenta laranja!

**Será tudo isto uma escultura?**

Sentimos antes de pensar ou pensamos antes de sentir?

**Penso logo existo? Sinto logo existo?**

As suas esculturas são para sentir com todo o corpo, os olhos só alcançam uma pequena parte. É assim no canavial, mas mais ainda no *laranjal*: um retângulo de terra, mesmo terra, onde cresce uma laranjeira, mesmo laranjeira, e as laranjas maduras caídas no chão.

Numa chapa de alumínio a mesma árvore foi desenhada enquanto noutra está apenas o seu recorte. **É a laranjeira e as suas imagens.** Ao centro, a **voz da terra** conta-nos a sua vida com a laranjeira nas quatro estações do ano. Sentimos o **cheiro da terra**, escutamos a sua voz e saboreamos uma doce e sumarenta laranja!

**Será tudo isto uma escultura?**

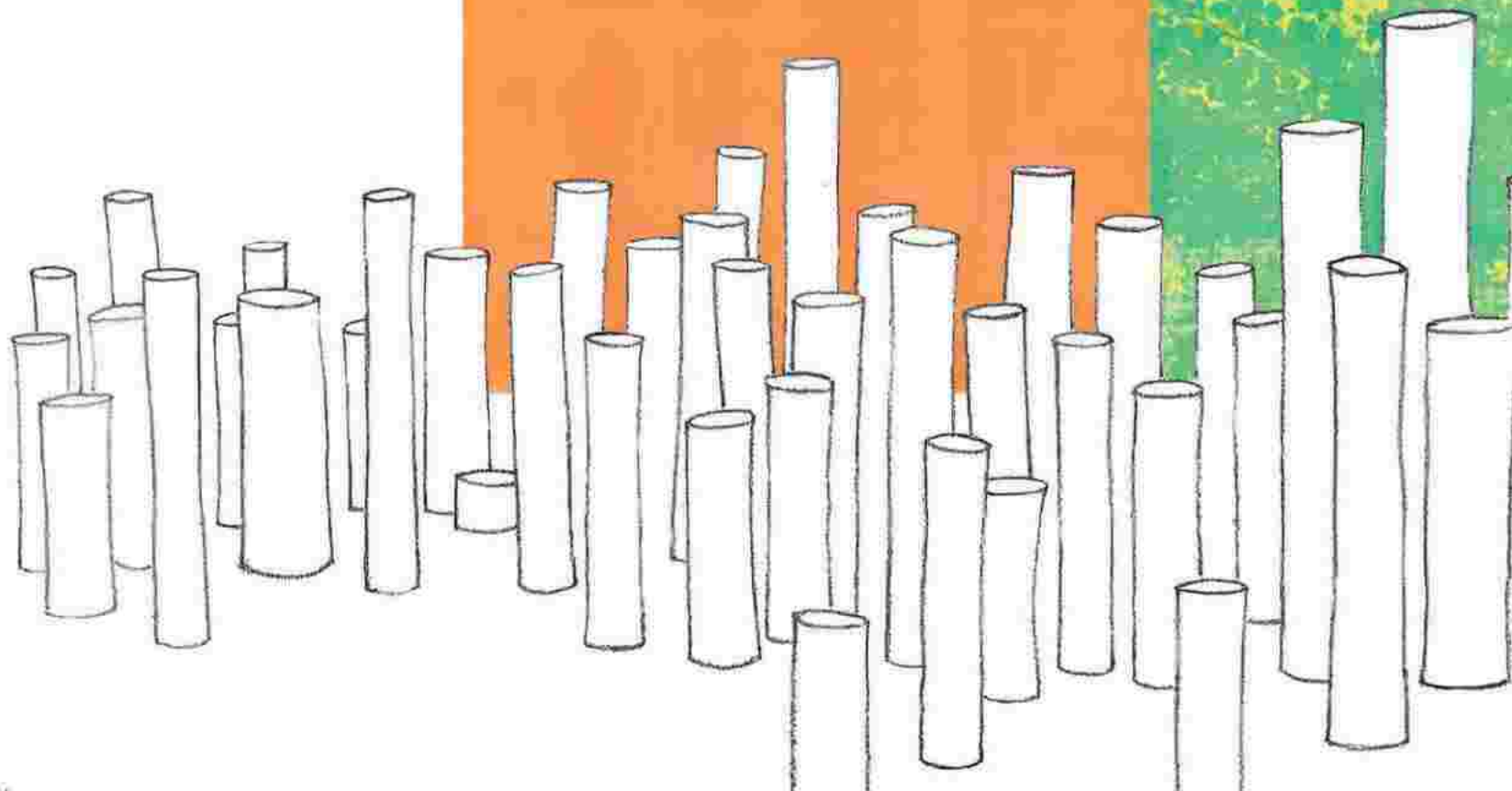
Sentimos antes de pensar ou pensamos antes de sentir?

**Penso logo existo? Sinto logo existo?**



Alberto Carneiro sente as árvores de uma forma especial e, por isso, procura insistentemente a essência de cada uma. Como as pessoas, as **árvores nunca se revelam completamente**, mas o escultor continua a procurar, porque sabe que aquilo que é fundamental é invisível aos olhos. São troncos de árvores de tamanhos diferentes que fazem a escultura *Uma floresta para os teus sonhos*.

Alberto Carneiro sente as árvores de uma forma especial e, por isso, procura insistentemente a essência de cada uma. Como as pessoas, as **árvores nunca se revelem completamente**, mas o escultor continua a procurar, porque sabe que aquilo que é fundamental é invisível aos olhos. São troncos de árvores de tamanhos diferentes que fazem a escultura *Uma floresta para os teus sonhos*.



Quando passeamos nesta floresta, somos as personagens principais deste **teatro escultura**. E, se tentarmos esquecer o que a nossa cabeça guarda lá dentro, conseguimos imaginar histórias inacreditáveis para viver neste palco.

**Como será a floresta dos nossos sonhos?**

**Como serão os nossos sonhos na floresta?**

Quando passeamos nesta floresta, somos as personagens principais deste **teatro escultura**. E, se tentarmos esquecer o que a nossa cabeça guarda lá dentro, conseguimos imaginar histórias inacreditáveis para viver neste palco.

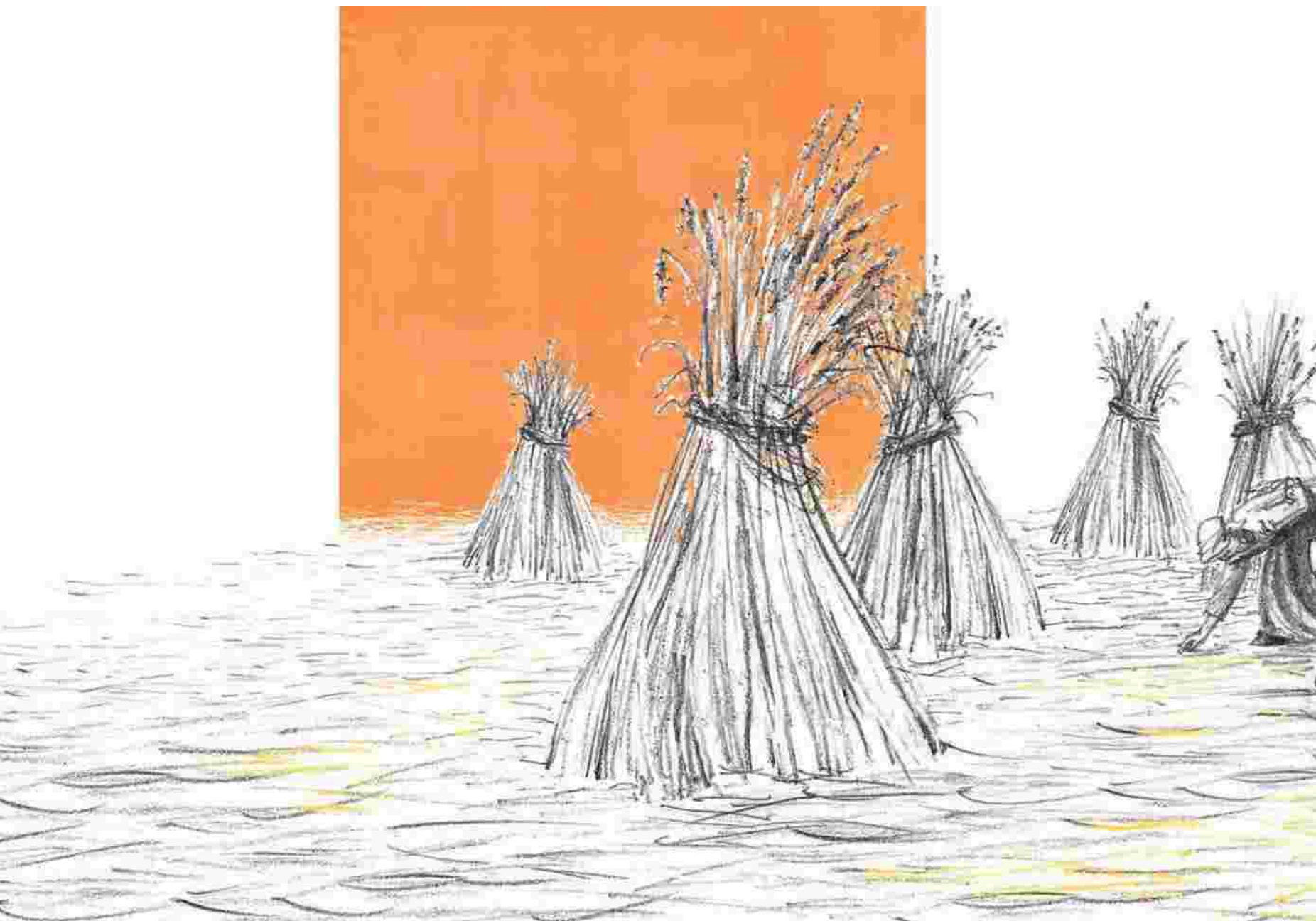
**Como será a floresta dos nossos sonhos?**

**Como serão os nossos sonhos na floresta?**



O artista volta a trazer o campo para dentro do museu. Desta vez, recria na sala branca de exposições um **campo depois da colheita dos cereais**.

O artista volta a trazer o campo para dentro do museu. Desta vez, recria na sala branca de exposições um campo depois da colheita dos cereais.



Exatamente como no sítio de onde vieram, os molhos de trigo ou centeio estão na vertical, não fossem apodrecer com a humidade da noite ou com uma chuva inesperada de verão. Alberto faz-nos entrar na natureza e sentir os seus ciclos, como se entrássemos numa **máquina de viajar no tempo e no espaço.**

Exatamente como no sítio de onde vieram, os molhos de trigo ou centeio estão na vertical, não fossem apodrecer com a humidade da noite ou com uma chuva inesperada de verão. Alberto faz-nos entrar na natureza e sentir os seus ciclos, como se entrássemos numa máquina de viajar no tempo e no espaço.



Em *Trajeto de um Corpo* já não é a natureza que entra no museu, mas **a arte que vai ao encontro da natureza**. Alberto Carneiro escolhe uma **pedra** da praia e fura-a. De seguida, leva-a a passear por várias paisagens.

Em *Trajeto de um Corpo* já não é a natureza que entra no museu, mas **a arte que vai ao encontro da natureza**. Alberto Carneiro escolhe uma **pedra** da praia e fura-a. De seguida, leva-a a passear por várias paisagens.





Entre o meu corpo e a terra houve sempre uma identidade profunda.  
Between my body and the earth there has always been a strong identification.

Regista o percurso em **fotografias a preto e branco** nas quais o seu corpo nu se funde ou confunde com a pedra, a árvore, a água, a terra... A pedra é depois exposta numa galeria, no interior de uma sala vazia, sozinha. **Mas a viagem não termina aqui...** Alberto devolve-a à natureza, deixa-a na montanha, onde ela permanece à espera de um novo encontro, ou não!...

Regista o percurso em **fotografias a preto e branco** nas quais o seu corpo nu se funde ou confunde com a pedra, a árvore, a água, a terra... A pedra é depois exposta numa galeria, no interior de uma sala vazia, sozinha. **Mas a viagem não termina aqui...** Alberto devolve-a à natureza, deixa-a na montanha, onde ela permanece à espera de um novo encontro, ou não!...

Num **jardim** em Santo Tirso está *A água sobre a terra*. Uma escultura em granito com um pilar vertical, talvez uma **montanha**, que contrasta com a horizontalidade da **terra**. Entre a montanha e a terra, corre a **água**, que tudo une e transforma à sua passagem. A água do rio molda-se aos obstáculos que encontra no caminho, ao mesmo tempo que os modifica.

Num jardim em Santo Tirso está *A água sobre a terra*. Uma escultura em granito com um pilar vertical, talvez uma montanha, que contrasta com a horizontalidade da terra. Entre a montanha e a terra, corre a água, que tudo une e transforma à sua passagem. A água do rio molda-se aos obstáculos que encontra no caminho, ao mesmo tempo que os modifica.



É a seiva que corre sobre a terra e também sobre o nosso corpo. A pedra desgasta-se, enquanto ganha novas formas, como acontece connosco.

## A vida da natureza como a nossa vida.

É a seiva que corre sobre a terra e também sobre o nosso corpo. A pedra desgasta-se, enquanto ganha novas formas, como acontece connosco.

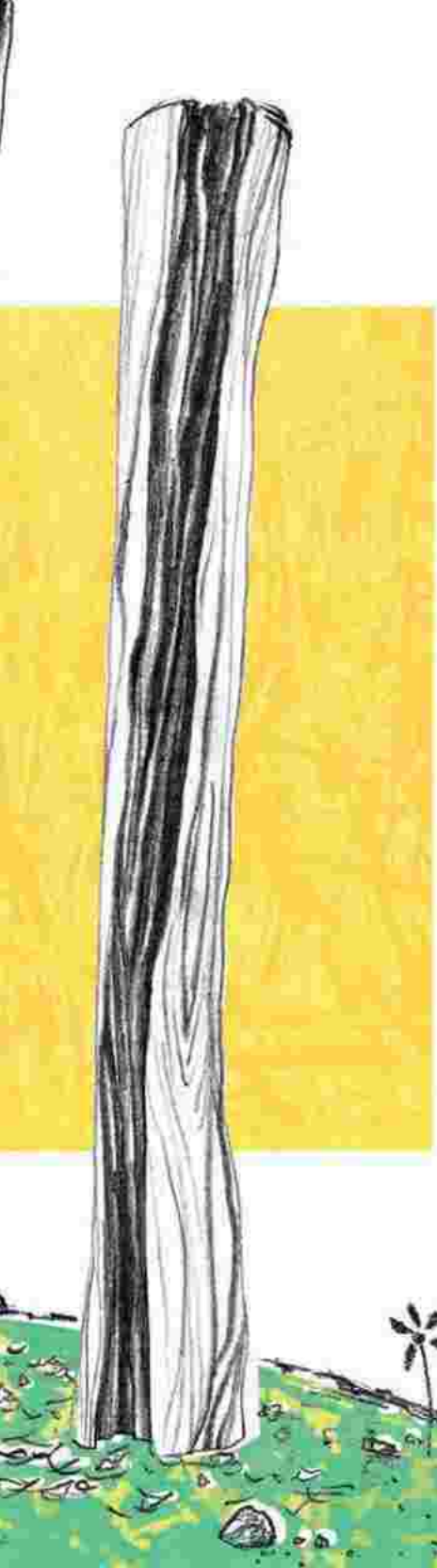
A vida da natureza como a nossa vida.



Alberto Carneiro volta a esculpir a madeira com as suas mãos em *Corpo Mandala*. Quatro troncos delicadamente trabalhados, escavados, parecem mostrar o que, afinal, já lá estava: o interior da árvore, os veios, a sua **impressão digital**.

Alberto Carneiro volta a esculpir a madeira com as suas mãos em *Corpo Mandala*. Quatro troncos delicadamente trabalhados, escavados, parecem mostrar o que, afinal, já lá estava: o interior da árvore, os veios, a sua **impressão digital**.





No centro da escultura, um **espaço vazio**. O vazio parece silencioso, mas diz-nos muitas coisas se o escutarmos. Como no canavial, alguém passou naquele espaço e deixou a sua marca. Seria o corpo do artista? O nosso corpo? **O espaço entre os troncos também faz parte da escultura.** E o que está entre é a **energia**, e ela é fundamental, diz-nos Alberto.

No centro da escultura, um **espaço vazio**. O vazio parece silencioso, mas diz-nos muitas coisa se o escutarmos. Como no canavial, alguém passou naquele espaço e deixou a sua marca. Seria o corpo do artista? O nosso corpo? **O espaço entre os troncos também faz parte da escultura.** E o que está entre é a **energia**, e ela é fundamental, diz-nos Alberto.

*É aquilo que lá não está que se torna importante.*

*It's what's not there that becomes so important.*

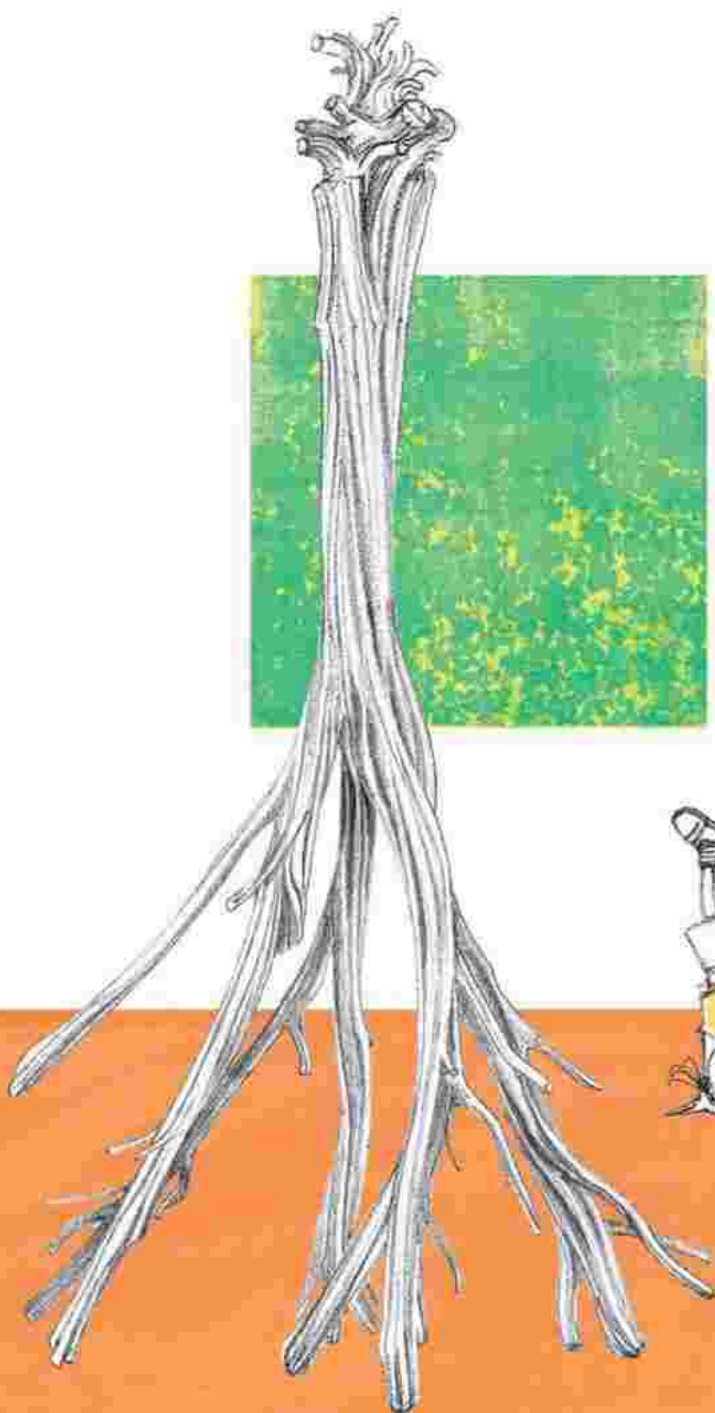
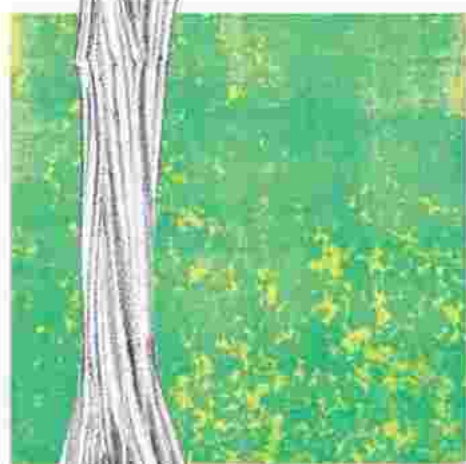
Como quem olha profundamente os olhos de um amigo, o artista olha as árvores. Na escultura *Árvore da vida* devolve a vida à tangerineira que pertencia a um vizinho, transformando-a em obra de arte. **É a árvore que vai guiando as suas mãos**, sussurrando-lhe os passos a seguir até estar pronta para ser escultura. Esta árvore, virada ao contrário, tem qualquer coisa de humano. Os ramos parecem pernas em movimento, o tronco parece... o tronco e as raízes a cabeça. Mostra-nos que o que está em cima é tão importante como o que está em baixo: sem raízes não há frutos...

## E há raízes sem frutos?

Como quem olha profundamente os olhos de um amigo, o artista olha as árvores. Na escultura *Árvore da Vida* devolve a vida à tangerineira que pertencia a um vizinho, transformando-a em obra de arte. **É a árvore que vai guiando as suas mãos**, sussurrando-lhe os passos a seguir até estar pronta para ser escultura. Esta árvore, virada ao contrário, tem qualquer coisa de humano. Os ramos parecem pernas em movimento, o tronco parece... o tronco, e as raízes a cabeça. Mostra-nos que o que está em cima é tão importante como o que está em baixo: sem raízes não há frutos...

E há raízes sem frutos?







Como Brancusi, Alberto Carneiro também inventa uma **coluna sem fim**. Não é ao ar livre, mas no átrio da **biblioteca Almeida Garrett**, no Porto. Uma coluna em madeira que parece furar o chão e prolongar-se para o centro da terra. Em cima, a coluna rompe o teto em direção a outras galáxias. É uma coluna infinita numa biblioteca que guarda o conhecimento infinito, como uma torre de livros empilhados.

## Os livros guardam o mundo lá dentro... e as obras de arte?

Como Brancusi, Alberto Carneiro também inventa uma **coluna sem fim**. Não é ao ar livre, mas no átrio da **biblioteca Almeida Garrett**, no Porto. Uma coluna em madeira que parece furar o chão e prolongar-se para o centro da terra. Em cima, a coluna rompe o teto em direção a outras galáxias. É uma coluna infinita numa biblioteca que guarda o conhecimento infinito, como uma torre de livros empilhados uns por cima dos outros.

Os livros guardam o mundo lá dentro... e as obras de arte?

Mais importante do que aquilo que conheço  
é o que desconheço e procuro descobrir.

More important than what I know is what I don't  
know and strive to discover.

Alberto Carneiro sai da sua aldeia para conhecer o mundo, viaja muito, e regressa. É no jardim e na casa que antes fora dos pais, que encontra o equilíbrio para tranquilamente fazer a sua obra. Passa da aprendizagem prática e sem palavras da oficina de santeiro, para as teorias do ensino académico. É a prática que melhor lhe serve, porque a ela acrescenta a criatividade do seu **corpo árvore, corpo rio, corpo terra, corpo pedra**. Alberto procura o que de mais **essencial e profundo** existe na natureza e dentro de si e, para isso, liberta-se das paisagens que os olhos lhe dão. **Trabalha o jardim e a horta como trabalha as esculturas**. E, como as flores ou os feijões, as suas obras guardam **segredos** que não consegue desvendar, por mais vezes que se cruze com elas. **A cada novo encontro, uma nova descoberta, também para nós.**

Alberto Carneiro sai da sua aldeia para conhecer o mundo, viaja muito, e regressa. É no jardim e na casa que antes fora dos pais, que encontra o equilíbrio para tranquilamente fazer a sua obra. Passa da aprendizagem prática e sem palavras da oficina de santeiro, para as teorias do ensino académico. É a prática que melhor lhe serve, porque a ela acrescenta a criatividade do seu **corpo árvore, corpo rio, corpo terra, corpo pedra**. Alberto procura o que de mais **essencial e profundo** existe na natureza e dentro de si e, para isso, liberta-se das paisagens que os olhos lhe dão. **Cuida do jardim e da horta como faz as esculturas**. E, como as flores ou os feijões, as suas obras guardam **segredos** que não consegue desvendar, por mais vezes que se cruze com elas. **A cada novo encontro, uma nova descoberta, também para nós.**





Há muito que procuro em mim,  
e pelo meu trabalho, um  
entendimento profundo de como  
vou sendo e porque o sou.

For a long time I have searched  
within myself, and through my work,  
for a deep understanding of what  
I'm becoming and why I am as I am.

**Alberto Carneiro** nasce, em 1937, em São Mamede do Coronado, um vale entre o Douro e o Minho. É na natureza e com a natureza que faz as suas brincadeiras de criança. As coisas da terra ficam gravadas no seu corpo e, mais tarde, nas suas esculturas. Ainda criança, começa a trabalhar numa oficina de santeiro onde aprende a transformar a matéria, como se a árvore ou a montanha fossem uma extensão de si. Estuda escultura na Escola Superior de Belas-Artes do Porto e na Saint Martin's School of Art de Londres com uma bolsa da Fundação Calouste Gulbenkian. É professor no Círculo de Artes Plásticas da Universidade de Coimbra, na Escola Superior de Belas-Artes do Porto e na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto. Encontra no filósofo Gaston Bachelard a reflexão teórica para o seu processo de criação. Interessa-se pelo estudo da Psicologia Profunda, do Zen, do Tantra e do Tao. Alberto Carneiro morre em Abril de 2017.

**Alberto Carneiro** was born in 1937 in São Mamede do Coronado, a valley between the Douro and the Minho region. His child's play was both out in nature and with nature. The earth and its matter were recorded in his body and, later on, in his sculptures. Still as a child, he began to work in a saint sculptor's workshop where he learned to transform materials, as if trees and mountains were an extension of himself. He studied sculpture at the School of Fine Arts of Porto and at Saint Martin's School of Art in London through a grant from the Calouste Gulbenkian Foundation. He became a professor at the Visual Arts Circle of the University of Coimbra, at the School of Fine Arts of Porto and at the School of Architecture of the University of Porto. He found the theory of reflection for his creation process in the philosopher Gaston Bachelard. He was interested in Depth Psychology, Zen, Tantra and Tao. Alberto Carneiro died in April 2017.

**Títulos das obras de Alberto Carneiro referidas no texto:** *Raiz, caule, folhas, flores e frutos;*  
*O canavial: memória-metamorfose de um corpo ausente;* *O laranjal - natureza envolvente;*  
*Uma floresta para os teus sonhos;* *Um campo depois da colheita para deleite estético do nosso corpo;*  
*Trajeto dum corpo;* *A Água sobre a terra;* *Corpo mandala;* *Árvore da vida;* *Uma coluna sem fim.*

**Nota:** As frases a verde correspondem a citações de Alberto Carneiro.

### **Mafalda**

Nasci em Leiria, em 1979, e vivi muitos anos em Lisboa. Licenciiei-me em História da Arte e fiz um Mestrado em Ciências da Arte e do Património. Fui para Montauban, no sul de França, estagiar no Musée Ingres e regresssei. Escrevi textos para o *site* do Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian e criei a editora *Barca do Inferno*.

I was born in 1979 in Leiria and I lived for quite a few years in Lisbon. My degree is in Art History and I also have a Master's in Sciences of Art and Heritage. I interned in Montauban, in the south of France, at Musée Ingres before returning to Portugal. I wrote texts for the Fundação Calouste Gulbenkian website and created the *Barca do Inferno* publishing house.

### **Rui**

Nasci em Leiria em 1973. Estudei pintura no Ar.Co., em Lisboa, onde vivi vários anos. Trabalhei num jornal e em três livrarias. Ilustrei o primeiro livro em 2003. Em 2012, com a Mafalda, criei a editora *Barca do Inferno*.

I was born in 1973 in Leiria. I studied painting at Ar.Co. in Lisbon, where I lived for several years. I worked at a newspaper and in three bookstores. I illustrated my first book in 2003. In 2012, I created the *Barca do Inferno* publishing house with Mafalda.

The page features several abstract pencil sketches. At the top, there are three small, irregular, ring-like shapes. A long, thin, curved line starts from the top center and extends towards the right side of the page. On the right side, there are three more irregular, ring-like shapes, similar to the ones at the top. The sketches are light and delicate, suggesting a hand-drawn or artistic style.

A leitura deste livro não dispensa o contacto direto com as obras de arte.

This book does not replace direct contact with works of art.

**Museus com obras de Alberto Carneiro**

Museums with works by Alberto Carneiro

Museu Calouste Gulbenkian, Lisboa, Lisbon

Museu de Serralves, Porto

Museu Coleção Berardo, Lisboa, Lisbon

Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Lisboa, Lisbon

Museu Internacional de Escultura Contemporânea, Santo Tirso

Centro Galego de Arte Contemporânea, Santiago de Compostela